

O Ano do Macaco

Year of the Monkey

Tradução de Helder Moura Pereira

A caminho do oeste



JÁ PASSAVA BEM DA MEIA-NOITE quando chegámos à entrada do Dream Motel. Paguei ao condutor, assegurei-me de que não tinha deixado nada no carro e toquei à campainha, acordando a proprietária. Eram já quase três da manhã, observou ela, ao mesmo tempo que me entregava a chave e uma garrafa de água. O meu quarto ficava no piso inferior, de frente para o longo paredão. Abri a porta deslizante de par em par, podendo assim ouvir o som das ondas acompanhado pelo leve rugido dos leões-marinhos esparramados sobre as tábuas debaixo do cais. Feliz Ano Novo!, gritei. Feliz Ano Novo à lua em quarto crescente e à telepatia que o mar estabelece com ela.

A viagem desde São Francisco demorara pouco mais de uma hora. Eu vinha bem desperta, mas senti-me subitamente exausta. Tirei o casaco e deixei a porta deslizante ligeiramente aberta para poder ouvir as ondas, mas caí quase de imediato num simulacro

do sono. Acordei abruptamente, fui à casa de banho, escovei os dentes, descalcei as botas e fui para a cama. É possível que tenha sonhado.

Manhã de Ano Novo em Santa Cruz, morta de cansaço. De repente, o desejo de um pequeno-almoço muito específico: café simples, papas de milho com cebolinho. Não há qualquer hipótese de concretizar esse desejo aqui, pelo que terei de me contentar com um prato de ovos estrelados com fiambre. Peguei na máquina fotográfica e descii o monte na direção do paredão. Uma tabuleta, parcialmente tapada por palmeiras altas e esguias, elevava-se lá no alto, tendo eu percebido que, ao contrário do que parecia, não designava um motel. A tabuleta dizia Dream Inn e nela podia ver-se uma imagem estelar do tempo dos primeiros satélites no espaço. Parei para poder admirá-la melhor e tirei uma polaroide, despeguei a parte de cima e guardei-a no bolso.

— Obrigada, Dream Motel — disse eu, meio para o ar, meio na direção da tabuleta.

— É Dream Inn! — exclamou a tabuleta.

— Ah, sim, desculpe — disse eu, de certo modo espantada. — Seja como for, sonhos é que nem um.

— A sério? Nada mesmo?

— Nada!

Não pude deixar de me sentir como Alice a ser interrogada pela lagarta azul que fumava narguilé.



Olhei para os meus pés, evitando ficar sobre a influência direta da tabuleta.

— Bom, obrigada pela fotografia — disse eu, fazendo intenções de me ir embora.

A minha partida, contudo, atrasou-se devido ao aparecimento das figuras desenhadas por Tenniel, que irromperam num abrir e fechar de olhos: a Tartaruga Fingida, que anda sempre de pé. O peixe-lacaio e o sapo-lacaio. O Dodó todo apinocado e com uma só manga do casaco a deixar-se ver, a Duquesa e a sua Cozinheira, tão horrendas uma quanto a outra, a própria Alice, com cara de poucos amigos, a presidir a um interminável chá das cinco, no qual, peço desculpa por assinalar, não se servia qualquer chá. Interroguei-me sobre se aquela erupção de tantas figuras ao mesmo tempo era autoinduzida ou se era devida à influência magnética da tabuleta da Dream Inn.

— Então e agora?

— A mente! — gritei, exasperada por ver as figuras ganharem vida e multiplicarem-se a uma velocidade assustadora.

— A mente desperta! — gargalhou a tabuleta, triunfalmente.

Virei-me de costas para ela, quebrando a comunicação. Na verdade, sendo um pouco estrábica, sou várias vezes testemunha desse tipo de movimentações,

a maior parte delas surgindo do lado direito. Além disso, uma vez na plena posse das suas funções, o cérebro fica recetivo a toda a espécie de sinais, mas eu não ia confessar isso a uma simples tabuleta.

— Não sonhei absolutamente nada! — respondi, também a gritar, ao mesmo tempo que começava a descer o monte por entre salamandras que apareciam e logo se esquivavam.

No sopé do monte havia uma pequena taberna de teto baixo que tinha escrita no vidro a palavra *café*, em letras com mais de trinta centímetros, a toda a largura da janela de vidro, vendo-se por baixo uma placa que dizia *Aberto*. Com tanto espaço atribuído à palavra *café*, parti do princípio de que se devia tomar ali uma boa chávena do precioso líquido e até, quem sabe, talvez mesmo acompanhado de um *donut* com canela em pó por cima. Mas, ao pôr a mão na maçaneta da porta reparei numa outra placa, mais pequena, que baloiçava e tinha escrito *Fechado*. Nenhuma explicação, nenhuma indicação a dizer que abria dali a vinte minutos ou coisa do género. Fiquei com um mau pressentimento quanto à possibilidade de conseguir tomar um café e quanto a *donuts* o melhor era esquecer completamente. O mais certo era estar toda a gente de ressaca em casa. E a verdade é que não se pode criticar um café por encerrar no dia de Ano Novo, embora, por outro lado, a bebida em causa seja

precisamente o remédio mais eficaz após uma noite de excessos e folia. Sem poder tomar café, sentei-me no banco à entrada, a tentar unir as pontas do que acontecera na noite anterior. Fora a última de três atuações seguidas no Fillmore e eu estava a afinar as cordas da minha Stratocaster quando um tipo de rabo de cavalo oleoso se inclinou na minha direção e me vomitou nas botas. A última visão de 2015, um lastro de vomitado a dar as boas-vindas solenes ao Ano Novo. Um sinal bom ou mau? Face ao estado atual do mundo, quem daria pela diferença? Com isto em mente, pus-me à procura nos bolsos do toalhete que uso para limpar a lente da máquina fotográfica, ajoelhei-me e limpei as botas. Feliz Ano Novo, disse-lhes eu.

Parecendo irromper suavemente umas após as outras por trás da placa, um curioso conjunto de frases encadeadas fez a sua aparição e eu procurei à pressa um lápis nos bolsos, para poder escrevê-las. *Pássaros cinzentos voando em redor da cidade envoltos na escuridão da noite / Prados oscilantes ornamentados de neblina / Um palácio mítico que também era uma floresta / Folhas que não são senão folhas.* É a síndrome do poeta cuja pena secou e tenta captar a inspiração através de frases que lhe surgem desgarradas, tal como Jean Marais no *Testamento de Orfeu*, de Jean Cocteau, fechado dentro de um Renault a cair aos bocados numa garagem atafalhada nos arredores de

Paris, a sintonizar frequências de rádio e a escrever fragmentos de frases em pedaços de papel — *uma gota de água contém todo o mundo*, etc.

De regresso ao quarto, descobri algumas cápsulas de Nescafé e uma pequena chaleira elétrica. Preparei a bebida, enrolei-me num cobertor, abri a porta de correr e sentei-me no pequeno pátio que dava para o mar. Havia um muro baixo que obstruía parcialmente a vista, mas eu tinha o meu café, ouvia o ruído das ondas e sentia-me relativamente satisfeita.

Lembrei-me então do Sandy. Devia estar também ali, num quarto daquele mesmo piso. Íamos encontrar-nos em São Francisco antes da atuação da banda no Fillmore e fazer o que costumávamos fazer juntos: tomar um café no Caffè Trieste, vasculhar as prateleiras da livraria City Lights e andar de um lado para o outro na ponte Golden Gate a ouvir Doors, Wagner e Grateful Dead. Sandy Pearlman, o amigo que conheço há mais de quatro décadas, sempre capaz de acompanhar, com a sua vivacidade cadenciada, partes do *Anel dos Nibelungos* ou um *riff* de Benjamin Britten, aparecia no seu blusão de cabedal amarrotado e boné de beisebol sempre que tocávamos no Fillmore, e ficava todo o tempo debruçado sobre um copo de *ginger ale* na sua mesa habitual, por trás de uma cortina junto dos vestiários. Tínhamos decidido separar-nos dos

outros após o concerto de Ano Novo e fazermo-nos à estrada durante a noite, enfrentando o denso nevoeiro até Santa Cruz. O plano era fazer o primeiro almoço do ano num bar de tacos conhecido de poucos, não muito longe do Dream Motel.

Isso, porém, nunca chegou a acontecer, porque o Sandy foi encontrado sozinho e inconsciente num parque de estacionamento em San Rafael. Sofreu uma hemorragia cerebral e levaram-no para um hospital em Marin County.

Na manhã do nosso primeiro concerto, o Lenny Kaye e eu fomos à UCI em Marin County. O Sandy estava em coma, entubado por tudo quanto era lado, envolto num silêncio arrepiante. Ficámos cada um do seu lado da cama, como se mentalmente lhe disséssemos que estávamos ali a fazer força por ele, ao mesmo tempo que mantínhamos um canal aberto na expectativa de detetar e compreender o mínimo sinal de vida. Não apenas uns estilhaços de amor, como o Sandy costumava dizer, mas o afeto em toda a sua plenitude.

Regressámos ao nosso hotel em Japantown, mal conseguindo articular uma palavra. O Lenny pegou na guitarra e fomos até um café chamado On the Bridge, situado no passadiço que liga a parte oriental à parte ocidental do centro comercial. Sentámo-nos a uma mesa verde de madeira, ambos num estado de

espírito de silenciosa consternação. As paredes eram amarelas e estavam cheias de cartazes com tiras de banda desenhada japonesa como *Hell Girl* e *Wolf's Rain*, havendo também pilhas de revistas de banda desenhada que tinham o aspeto de livros. O Lenny pediu caril de frango e uma cerveja Asahi Super Dry e eu ovas de peixe-voador com esparguete e chá *oolong*. Comemos, partilhámos solenemente um saquê e dirigimo-nos depois a pé até ao Fillmore para fazer os testes de som. Sem a presença inspiradora do Sandy, só nos restava rezar e tocar. Atacámos a primeira das três noites de amplificadores distorcidos, poesia, discursos de improviso, declarações políticas e *rock 'n' roll* com uma intensidade que me pôs de rastos, como se tivéssemos querido comunicar com ele sonicamente.

Na manhã do meu sexagésimo nono aniversário, o Lenny e eu voltámos ao hospital. Ficámos junto à cama do Sandy e, apesar de isso não ser possível, jurámos não o deixar sozinho. O Lenny e eu procurámos os olhos um do outro, sabendo que não podíamos mesmo ficar. Havia coisas para fazer, concertos para dar e vida para viver, ainda que da forma imprudente como a vivíamos. Vimo-nos obrigados a celebrar os meus sessenta e nove anos no Fillmore, sem a presença dele. Nessa noite, voltando por momentos as costas à audiência durante

a parte rítmica a meio da canção *If 6 Was 9*, contive as lágrimas enquanto catadupas de palavras se sobrepunham umas às outras, alternando com imagens do Sandy, ainda inconsciente ali a dois passos, do lado de lá da ponte Golden Gate.

Quando acabámos o que nos levara a São Francisco, deixei o Sandy e dirigi-me para Santa Cruz pelos meus próprios meios. Não fui capaz de cancelar o quarto reservado para ele e sentei-me no banco de trás do carro com a sua voz a ecoar-me na mente. *Matrix Monólito Medusa Macbeth Metallica Maquiavel*. O jogo da letra M que o Sandy fazia, como se fosse tirando palavras de dentro de um saquinho de veludo que lhe dessem indicações para chegar à Biblioteca de *Imaginos*.

Sentei-me no pátio, enrolada num cobertor como um convalescente de *A Montanha Mágica*, sentindo depois crescer em mim uma estranha dor de cabeça que devia ser causada por uma alteração no barómetro. Ao dirigir-me ao balcão de atendimento para pedir uma aspirina, reparei que o meu quarto não se situava no rés do chão mas num piso abaixo, o que fazia com que ficasse mais perto da ponta onde a praia começava. Tinha-me esquecido disso e fiquei confusa enquanto atravessava todo o corredor fracamente iluminado. Incapaz de localizar as escadas que conduziam à receção, desisti da aspirina e decidi

voltar para trás. Ao procurar a chave do quarto, encontrei um rolo de gaze bem apertado, tão grosso quanto um maço de Gauloises. Desenrolei cerca de um terço, em parte esperando encontrar uma mensagem qualquer, mas não havia nada. Não fazia a mais pequena ideia de como podia aquilo ter ido parar ao meu bolso, mas voltei a enrolá-lo, pu-lo de novo no bolso e regresssei ao quarto. Liguei o rádio e Nina Simone cantava *I Put a Spell on You*. As focas estavam em silêncio, e eu podia ouvir as ondas ao longe, o som do inverno na Costa Oeste. Atirei-me para a cama e dormi profundamente.

No Dream Motel, eu tinha a certeza de não ter sonhado, mas, quanto mais pensava nisso, mais me convencia de que era mesmo possível ter-me acontecido um sonho. Mais precisamente, que devia ter andado pelas franjas do sono. O crepúsculo mascarou-se de noite e apareceu depois sem máscara de manhã, iluminando um caminho que de bom grado segui, do deserto até ao mar. As gaivotas guinchavam e grassnavam enquanto as focas dormiam, à exceção do rei, mais parecido com uma morsa, que levantava a cabeça e uivava ao sol. Havia uma sensação de ausência típica dos romances de J.G. Ballard.

A praia estava cheia de embalagens de guloseimas, centenas, talvez mesmo milhares, espalhadas pela praia como penas caídas depois de uma muda.